

# O DISCURSO FINISSEULAR E O DISCURSO PEDAGÓGICO-LITERÁRIO, ALGUNS CONTRIBUTOS

DIONÍSIO VILA MAIOR\*

## Introdução

Os finais de século desde sempre suscitaram uma enorme sedução. Considerados como um facto de calendário, os finais de século inscreveram-se por diversas vezes no horizonte de expectativas como **facto psicológico** de teor apocalíptico, pelo sentimento de esvaziamento e de inquietação com que têm preenchido o imaginário colectivo. No entanto, esse sentimento (que tende a aprofundar a apetência pela fábula crepuscular e pelo discurso catastrofista, assim como a ligação ao discurso místico e religioso) tem sido também variavelmente contrabalançado com o **sentimento de esperança** que a vinda do século seguinte prenuncia.

Note-se, contudo, que, se é verdade que esta situação ambivalente é um facto variavelmente comprovado, não é menos verdade que cada final de século apresenta a sua própria especificidade.

Como quer que seja, e acima de tudo, falar em "discurso finisseular e discurso literário", no presente contexto, é equacionar a problemática finisseular com vários *discursos* (literário, mas também sócio-cultural, tecnológico e pedagógico) que, pela sua especificidade, marca[ra]m indelivelmente a cultura portuguesa (e europeia).

Perguntar-se-á, por conseguinte, se se justifica reflectir e escrever sobre a relação entre literatura e fim de século. Sem dúvida que sim - quanto mais não fosse pelo facto de nos situarmos todos num determinado contexto (fim de século/fim de milénio) que propicia precisamente essa reflexão. E se essa reflexão assenta primordialmente no **termo e conceito "fim de século"**, toda a problemática que rodeia aquela relação (que se torna tanto mais interessante, quanto mais o final do século XX coincide com um final de milénio) ganhará um interesse acrescido se,

entre outros, acentuarmos determinados aspectos: o peso do **ideário judaico-cristão nos discursos do «fim»**, o **fascínio pelo ano 2000**, o **posicionamento da literatura** no meio da problemática fim de século/fim de milénio e a forma **como podemos encarar** este contexto finissecular, enquanto professores de literatura e, de um modo geral, enquanto sujeitos marcados por um contexto particular.

### «Fin de siècle»

Cunhada no **final do século XIX**, na cultura e língua francesas – apresentando talvez o enfraquecimento do então protagonismo francês no palco cultural (Lourenço, 1994: 319) –, a expressão **«fin de siècle»** depressa teve grande voga, lexicalizando-se progressivamente no vocabulário europeu com uma **coloração** acentuadamente **negativa**. Essa coloração passaria, aliás, a ser paulatinamente sugerida (e acentuada) por um **discurso estético-literário** normalmente coincidente com soluções de perfil esteticista (a que um certo Simbolismo não seria alheio) e pela identificação com as ideias de cansaço, decadência e decepção. Isto num século, note-se bem, em que firmemente se acreditara na filosofia positivista, no progresso e nas promessas científico-tecnológicas.

Num século em que, apesar de tudo, se verificara cada vez mais a homogeneização dos espaços culturais, a internacionalização da cultura literária e a homogeneização dos horizontes de expectativa, poder-se-ia acrescentar ainda àquelas opções estéticas a concretização de algumas atitudes: a preferência (no âmbito do discurso crítico e literário) pelas revistas que abordam questões como o exotismo, assim como pelos romances de aventuras; o desenvolvimento temático da inquietação metafísica, do comportamento dândi e exibicionista, bem como do tema da decadência nacional; o culto parnasiano da forma; o gosto pela exploração do significante e pelo rebuscamento lexical; a predileção pelo vocabulário estranho; o aproveitamento literário de motivos conotados com a morte e com o tempo (a vela, a clepsidra, a flor seca, o crânio, o esqueleto); a revalorização da boémia literária, etc.<sup>1</sup>

Como quer que seja, a expressão *fin de siècle* prevalecerá no palco europeu com uma tonalidade negativa, conformada, enfim, por um conjunto de ideias pensadas e formuladas em estreita conjugação paradigmática com a noção de *fin*<sup>2</sup> – uma conjugação, aliás, que vai também entroncar literária e ideologicamente na falência dos ideários realista e naturalista, assim como na filosofia de Schopenhauer e Nietzsche. Nesse sentido, facilmente se compreendem os contornos de um panorama estético-literário específico onde se valoriza a estética da sugestão, a morte, o desconhecido, o fantástico ...

## Entre o «fim» e o «recomeço»

Por outro lado ainda, e sem que isso nos conduza a raciocínios demasiado esquemáticos, torna-se igualmente necessário concentrarmo-nos no **perfil ambivalente** configurado pelo termo e conceito *fim de século*, sobretudo se enquadrarmos a noção de *fim* à luz do **ideário judaico-cristão**. E isto porque, não o esqueçamos, nesse ideário, a ideia de morte (logo, de acabamento) liga-se intimamente à ideia de vida (e, por contiguidade, de esperança) – uma ligação que durante muitos séculos marcou não só a consciência religiosa, mas também o imaginário colectivo ocidental.

Assim, a consumação desta imagem dualista traduz irremediavelmente o saldo de uma determinada visão do mundo, do homem e da divindade. Por um lado, tender-se-ia a adjectivar a expressão *fim de século*, consolidada paulatinamente por um processo de dessubstantivação (emprestando-se contiguamente, e de um modo paroxístico, qualidades de indole negativa a múltiplas manifestações culturais que ilustrariam um estado de espírito de decadência, de pessimismo, de fatalismo)<sup>3</sup>. Deste modo, a análise do termo e conceito *fim de século* levar-nos-ia a ter de equacionar anti-anagógicamente a evolução temporal, não sendo estranho a esta perspectiva o facto de, naquela equacionação, se acentuar a ideia de **fim** de um período cronológico. Por este lado, falar então em fim de século é falar numa situação histórica determinada, é ter em conta a sucessividade temporal e, em particular, uma determinada situação histórica, vivida a partir do presente e em relação a ele. E que significa isto? Que a *ideia temporal* se encontra omnipresente no imaginário colectivo; que o tempo é perspectivado intensamente por esse imaginário; que, em última instância, se tornaria impossível conceber aprioricamente um novo início perante a mundividência da quebra da continuidade temporal.

No entanto, e por outro lado, o termo e conceito *fim de século* não se podem desligar da noção de «*abertura* do fim», reenviando assim para a noção cíclica da história (pelo carácter repetitivo dos fins de século, assim como do sentimento a eles inerentes: antecipaçaõ de plenitude, recomeço, esperança, mudança).

Como quer que seja, registre-se o seguinte: quer entendendo todos os fins de século como diferentes entre si (cada fim de século tem obviamente a sua singularidade histórico-cultural, social, política, económica, religiosa.); quer encarados substantivamente (e com não rara fluidez) como um facto cronológico (a última parte de um século); quer sentidos adjectiva e empiricamente como um facto psicológico (a utilização frequente da expressão *fim de século* nessa imagem se concretiza, o que faz com que a disposição psicológica colectiva se encontre indissociável dos “medos fim de século”), o que acima de tudo importa sublinhar é a **consciência** evidente que o homem tem **do tempo** (feito de rupturas e de suturas). E não será imprudente dizer que cada vez mais se tenderá a mostrar essa

consciência de forma mais pregnante, provavelmente devido à rápida evolução científico-tecnológica (num grau de intensidade que, pelo menos teoricamente, tenderia a anular a própria consolidação do horizonte de expectativas).

### Da discursividade judaico-cristã à «era damocleana»

De qualquer maneira, é sem dúvida em sintonia com uma conotação predominantemente negativista que a noção de *fim* se relaciona. E, como é sabido, essa sintonia encontra as suas raízes no **pensamento apocalíptico judaico-cristão** (que prefigurava o fim próximo para os seguidores de Satanás [ainda que previsse o renascimento e a salvação para os seguidores de Deus])<sup>4</sup>. Repare-se, por exemplo, nas palavras proféticas e simbólicas presentes na Bíblia, em textos do profeta Daniel (*Bíblia Sagrada*, 1999: 9, 27, p. 1584) e de São Mateus (*id.*: 13, 39, p.1713), ou ainda na previsão da ruína de Jerusalém, do Templo e/ou na antevisão do fim dos tempos, no mesmo São Mateus (*id.*: 24, 2 ss, pp.1731-1733), em São Marcos (*id.*: 13, 1-37, pp.1766-1768) e em São Lucas (*id.*: 21, 5-36, pp.1818-1820). O aproveitamento da imagem ligada ao fim dos tempos revela-se entretanto ainda mais evidente (pelas ideias eduzidas das referências prefiguradores do discurso milenarista) no discurso do Apóstolo João, quando, no conhecido capítulo 20 do *Apocalipse* (o último dos livros que compõem o Novo Testamento), apontando para um tempo indefinido, escreve o seguinte:

Vi, então, descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e uma grande algema. Ele apanhou o Dragão, a primitiva Serpente, que é o Demônio e Satanás e acorrentou-o por *mil anos*. Atirou-o ao abismo, que fechou e selou por cima, para que já não seduzisse as nações, até que se completassem *mil anos*.

[...] Depois de se completarem *mil anos*, Satanás será solto da prisão. Sairá dela para seduzir as nações dos quatro cantos da terra (Gog e Magog) e reuni-las para o combate. Serão numerosas como a areia do mar. Subiram à superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade querida. Mas desceu um fogo dos céus e devorou-as. O Demônio, sedutor delas foi lançado num lago de fogo e enxofre, onde já estavam a Besta e o falso profeta, e onde serão atormentados, dia e noite, pelos séculos dos séculos (*id.*: 20, 1-10, pp.2092-2093 [it. nossos]).

Trata-se, como se vê, de uma passagem muito sugestiva, menos (no que a este trabalho diz respeito) pela configuração imagética com que João se refere ao final dos tempos do que pelo facto de (ainda que metaforicamente) o Apóstolo articular essa visão apocalíptica com a formulação de um esquema temporal cujos sentidos se ligarão ideologicamente às virtualidades semântico-pragmáticas do **discurso**

**milenarista.** Não nos cabe obviamente fazer o levantamento histórico desse discurso. Contudo, o seu grau de eficácia (relativa, diga-se)<sup>5</sup> tem tido sobretudo que ver com a noção de *fim* – ideia que tem sido de igual modo associada à de continuação de uma vivência de plenitude e à de revelação (etimologicamente, a palavra *apocalipse* vem do verbo grego ‘retirar o véu’, ‘revelar’).

Como quer que seja, deverá emprestar-se à conceituação deste **«fim do mundo»** uma dimensão metafórica. Pessoa, por exemplo, tanto num texto com a indicação *Bandarra* (Pessoa, 1986 [vol III]: 643), como num outro texto com a indicação *Pref. Quinto Império*, alerta para o facto de os profetas confundirem, na concepção *fim do mundo* (que Pessoa identifica com o fim do Cristianismo), o fim do próprio mundo com o fim do que eles consideram mundo, «isto é, o fim do conceito que têm do mundo, ou, esclarecendo melhor, o fim do ciclo psíquico – ordinariamente um ciclo religioso – a que pertencem e em que pensam» (*id.*: 715). E tanto mais pode assim ser interpretado, quanto melhor se compreender, por um lado, a acepção simbólica com que na *Segunda Epístola de São Pedro* é referida a segunda vinda de Jesus Cristo (lembrando que «um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia» [*Bíblia Sagrada*, 1999: 3, 8, p.2058]), e, por outro lado, o facto de hoje, como propõe Umberto Eco (Eco; Martini: 1999: 18), o conceito de *fim dos tempos* ser vivido mais intensa e obsessivamente pelo mundo laico (que o teme) do que o cristão (que o enquadra metaforicamente).

De qualquer forma, e isso é inegável, tornou-se normal relacionar o fim de milénio com cataclismos e catástrofes (que, naturalmente, também acontecem noutras alturas). E, em parte, não será de todo errado sustentar a ideia segundo a qual, apesar da crescente preocupação com problemas culturais e de todo o desenvolvimento tecnológico (ou por causa disso mesmo), esta **visão catastrofista** perdura com alguma teimosia no **final do século XX / final do segundo milénio**. Compreende-se que assim seja, se tivermos em conta os múltiplos **problemas** sociais e culturais, assim como a constelação de **catástrofes e doenças** com que diariamente o sujeito que vive neste cenário temporal se depara: as catástrofes naturais; os desastres ecológicos; a poluição (os buracos na camada de ozono, o efeito de estufa, as chuvas ácidas); o desaparecimento progressivo das florestas tropicais; os resíduos radioactivos; os acidentes em centrais nucleares; o medo de uma guerra nuclear; a fome; a droga; a Sida; o perigo de extinção de determinadas espécies animais; o aumento da divisão ricos/pobres; os fundamentalismos religiosos; os assassinios em série; as intervenções militares (como aconteceu no Kosovo, em Timor, na Tchetchenia), etc.<sup>6</sup> É (também) por isto que, neste contexto (em que o cenário sócio-cultural se representa sob o signo da tecnologia de uma forma nunca antes vista), poderemos concordar com Edgar Morin, quando qualifica o final do século XX como **«era damocleana»** (Morin; Bocchi; Ceruti, s/d: 211 ss) – uma era em que, com a proliferação dos neofundamentalismos e com o perigo de uma eventual guerra nuclear, a espada de Dâmocles parece suspender-se sobre todos nós.

## Um certo optimismo

Não se pense, contudo, que defendemos pacífica e incondicionalmente a visão catastrofista do **final de século XX / final de segundo milénio**. É certo que o que, nas últimas linhas, temos procurado é ilustrar a imagem negativista concretizada pela vigência do paradigma decadência / esperança. Uma outra faceta desta problemática a ter em consideração prende-se directamente com o desenvolvimento, no seio do imaginário ocidental e das práticas sócio-culturais, de uma outra lógica colectiva: referimo-nos ao modo como, por vezes, e por alguns, aparece revelada uma certa preocupação em equacionar o final do segundo milénio de acordo com as articulações que as reminiscências negativistas mantêm com um **posicionamento positivo** (a esperança constrói-se sobre ele) perante tanta descrença e tanto cepticismo.

Eduardo Lourenço (Lourenço, 1994: *passim*) recorda, a este propósito, que, apesar de todas as «realidades tão pavorosas» que estigmatizaram o século XX (um século caracterizado por fenómenos que marcaram profunda e negativamente a consciência das pessoas, como as duas guerras mundiais, o nazismo, os genocídios, a fome, a droga), se prenuncia um **futuro risonho**; talvez por isso mesmo: talvez porque a sensibilidade humana do final do século XX, anestesiada por essas desgraças e pela sua banalização, encontre no discurso da esperança a preservação de virtualidades de extracção ideológica que entroncam no discurso da utopia (idem: 322).

Por outro lado ainda, uma outra razão poderá igualmente ser tida em conta: a que diz respeito ao fascínio da civilização ocidental pelo ano 2000 ... e não só! Esse fascínio estende-se aos números 1000, 2000, 3000... E é esta razão que nos conduz antes de tudo à sensação de uniformidade e à segurança psicológica que tais números transmitem (Gould, 1998: 17). Num outro plano, a questão colocar-se-ia em termos diferentes (mas relacionados com os anteriores): tratar-se-ia, então, de encontrar as raízes desse fascínio numa esfera de valores mais ampla, que se estende ao âmbito não só da civilização ocidental, mas do Homem, em geral, e que consiste na necessidade primordial do Homem para ordenar o universo e para lhe conferir algum significado. Note-se mesmo que este facto não pode deixar de ter algum peso nas sociedades ocidentais, enquanto circunstância radicada por um lado no facto de essas sociedades se mostrarem intimamente dependentes do tempo, e muito marcadas pelo *número*.

## Défice da leitura e do estudo da literatura?

De imediato, surge a questão: como se posiciona a literatura (e o seu ensino) no meio de toda esta problemática, no contexto final de século XX /final de segundo milénio? Fala-se muito em **défice da leitura e do estudo da**

**literatura**, assim prolongando algumas vozes, de certo modo, a visão catastrofista finissecular<sup>8</sup>. As **causas** que normalmente são apontadas centram-se no desenvolvimento imparável dos domínios tecnológico e audiovisual (o que não impede que, perversamente, a actualização do discurso literário recorra cada vez mais a esses mesmos domínios); e a tal ponto esse desenvolvimento se verifica que, seguindo essas vozes, apeteceria dizer que a *Galáxia de Gutenberg* estaria a ser progressivamente substituída pela **Galáxia de Bill Gates**. Outra causa, segundo outros, aponta para o facto de vivermos continuamente sob os signos da **velocidade** e da **brevidade** – perdendo assim terreno a possibilidade de se ler uma obra literária com a calma e a serenidade necessárias (e que tão fundamentais são para o prazer da leitura!).

Outras vozes ainda registam que se incute demasiada seriedade no ensino da leitura. Concordamos com este facto, sobretudo quando o que está em causa é a crítica de uma certa permissividade no ensino da leitura<sup>9</sup>; nunca se deverá anular, é certo, a atitude séria que pre-existe à leitura do texto literário – que não deveria ser feita com a trivialidade com que por vezes o é. O que, todavia, é bem possível que aconteça é aquela posição, quando elevada a extremos, corresponder eventualmente a uma tentativa de resposta a um receio escondido de uma profunda desvalorização do livro. Nesse sentido, o ensino/aprendizagem da leitura, por natureza insusceptível de pactuar com atitudes levianas, note-se, encerraria desde logo um sentido que inviabilizaria a própria implicação pedagógica, assim como algumas das possibilidades que o texto literário oferece.

## A Literatura e a possibilidade de imaginar

Digamos, no entanto, que **a literatura** nunca perderá a sua funcionalidade, pois oferece ao homem o **impossível**. Nesse sentido, talvez a literatura nunca entre em crise, enquanto permitir ao homem **imaginar**. E a imaginação, disse-o Pessoa, é um “acto idêntico ao acto criativo do mundo” (Pessoa, 1986 [vol II]: 421). Repare-se, além disto, como um dos seus *outros eus*, Bernardo Soares, defende a este propósito, no *Livro do Desassossego*, uma autêntica filosofia da imaginação. Segundo ele, a imaginação permite-nos viajar: só “outrando-nos pela imaginação” “chegamos a outrem” (Pessoa, 1986 [vol II]: 636-637). Além disso, é a imaginação que nos permite ser tudo e todos, viver tudo e todos: “O governo do mundo começa em nós mesmos”, escreve num texto sem data (*id.*: 892); e escreverá num outro, também ele não datado:

Tudo o que quero consigo, desde que seja dentro de mim (*apud* Lopes, 1990: 253).

É por isso que o sujeito poético Pessoa encara a imaginação não só como um dos pontos de partida para a criação poética, mas ainda como algo que facilita de certo modo a representação da totalidade; nem que essa totalidade incida sobre o próprio sujeito, como escreve num poema de 1932: «É em nós que há os lagos todos e as florestas» (Pessoa, 1986 [vol I]: 330)<sup>10</sup>.

## O Professor de Literatura

Neste contexto, falar então em **valorização da leitura** implica, de igual modo, ter em conta o **papel e as funções do professor de literatura**. E, quando o que está em causa é um processo de ensino/ aprendizagem, é evidente que esse processo não se pode dissociar das funções desse professor. Independentemente do que tal questão poderia envolver, importa sublinhar algumas fundamentais que reenviam para uma dinâmica de ensino/aprendizagem cujas consequências radicam, mediata e/ou imediatamente, na valorização da leitura, neste contexto de fim e início de século e de milénio.

A este propósito, e antes de mais, recorde-se uma carta enviada por Umberto Eco a Carlo Maria Martini, onde aquele, referindo-se ao discurso dos finais dos tempos, especifica que «cada uno juega con el fantasma del Apocalipsis al tiempo que lo exorciza, y cuanto más lo exorciza más inconscientemente lo teme [...]»: (Eco; Martini, 1999: 17). Deixando de lado uma abordagem de indole psicologista e o carácter de certa forma doutrinário para onde (no contexto concreto em que se inserem) estas palavras apontam, cremos que se poderá retirar delas uma ilação. Ora, é justamente em função do sentido subentendido por elas que poderemos compreender uma das funções do professor de literatura (e não só). Essa função remeteria, então, para a necessidade de o professor de literatura ser capaz de se distanciar objectivamente de todas as opiniões que prognosticam a desvalorização (e eventual desaparecimento[!?!]) do livro – traduzindo em parte essa sua posição não um modo de “exorcizar” o medo que isso se concretize, antes uma resposta que constitua o garante da confrontação, e sobretudo discussão, desse cenário. Por isso mesmo se propugna que o professor de literatura deverá não só ensinar literatura, mas também saber diversamente conduzir os seus alunos à necessidade de uma cada vez maior **consciencialização dos males da Humanidade**. Certamente que essa consciencialização crítica ajudaria os alunos a escolher com autonomia as opções que lhe são oferecidas, a tolerar o outro, a [re]conciliar as diversas tendências sociais em benefício de um conhecimento mais profundo da natureza humana.

Destas palavras deduz-se portanto ser também imprescindível ao professor de literatura apelar aos seus alunos para os perigos criados pelo próprio Homem,

ajudando-os a reflectir quer sobre a precaridade existencial desse Homem, quer sobre a evolução humana - que, por vezes, parece tender para um certo decadentismo ético-moral. Ora, quando essa orientação obedece primacialmente a intuítos pedagógicos, facilmente se poderia concluir que o professor poderia concretizar com alguma facilidade dois dos objectivos do processo de ensino/aprendizagem: **corrigir e aperfeiçoar** o aluno. É nesse sentido, aliás, que se torna pertinente lembrar uma reflexão de Fernando Pessoa, presente num texto de apresentação da revista *Athena*, onde se refere ao papel principal da Arte: o «aperfeiçoamento» do homem, e nomeadamente o aperfeiçoamento «permanente» realizado pelas «artes superiores», onde se inclui a literatura - segundo Pessoa, a mais completa dessas artes (Pessoa, 1986 [vol II]: 1212-1213). Daí que, para além da necessidade contínua de o professor trabalhar no sentido de **desenvolver e estimular a imaginação** do aluno; para além de ter que **se adaptar às mudanças** culturais, históricas, sociais, tecnológicas (procurando compreender o seu funcionamento, as suas causas); para além de lhe ser imprescindível procurar continuamente aprofundar o seu **conhecimento pluridisciplinar**; para além de ter que ser **paciente**<sup>11</sup>; para além disso tudo, é dever do professor actuar em benefício da **autovalorização** do próprio aluno, ajudando-o a ir ao encontro das oportunidades que lhe oferece a literatura - no sentido conferido por Borges (quando defendia que somos ricos "mais em perplexidades do que em certezas" e que a literatura nos deve ajudar a fornecer essas certezas) - e a encarar-se num **sentido positivo** (passando a considerar-se do tamanho do que vê, e não do tamanho da sua altura, parafraseando Alberto Caeiro). Não o conseguirá, é certo, apenas pelo avivamento e pela vitalização do gosto pela leitura. Mas é um passo importante.

## **A valorização do livro e o processo de produção estético-literária**

Como quer que seja, defende-se que aquela vitalização poderá conceber-se de modo mais significativo se passar pela **valorização quer do próprio livro, quer do processo de produção estético-literária**. Pelo primeiro prisma, torna-se apesar de tudo importante preservar a dimensão de alguma 'santidade' que o livro ainda tem - dimensão essa que, como se sabe, com a chegada do *Alcorão* e da *Bíblia*, veio transformar o carácter de pura substituição que o livro mantinha em relação à palavra oral (Borges, 1999: 177). No que diz respeito à segunda questão, deduz-se ser inevitável recordar o *trabalho* e a *construção* que caracteriza aquele processo. Não que *trabalho* e *fantasia* devam ser equacionados separadamente. Pelo contrário: são as vivências animicas e reais que constituem o

ponto de partida para a beleza da obra estético-literária; e é a fantasia (a «outra coisa ainda» de que Pessoa nos falava) que possibilita que o sujeito artístico (poeta, romancista, dramaturgo...). leve a cabo a transformação artística daquelas vivências. Só que esse sujeito, libertando-se pela escrita das sensações imediatas, procurará, pelo trabalho racional, fazer com que essas sensações sejam representadas literariamente.

Ora, o sublinhar desta questão prende-se com a necessidade de (em função do que se disse a propósito do **fazer estético-literário**) vincar, em primeira instância, o labor que subjaz ao acto estético-literário; Mas, numa segunda instância, esta questão abre a possibilidade de uma outra – sobretudo se tivermos em conta as ilações que os alunos poderiam dali retirar, no âmbito exclusivo da produção escrita e, mediatamente, no palco da sua própria existência quotidiana. Almada Negreiros, num estudo de 1934, intitulado «Cuidado com a pintura», recorda um episódio passado com Picasso:

Um dia, perguntaram a Picasso qual era a primeira coisa que era necessário para ser pintor. Picasso respondeu: Sentar-se.

- Ah! O mestre pinta sentado? – disse o outro, julgando estar senhor de uma confiança íntima do artista.

- Não. Eu pinto sempre de pé – disse Picasso.

E é isto mesmo: Primeiro que as cores deixem de ser tintas é necessário que se tenha formado primeiro o pintor; é necessário muito tempo antes mesmo de poder principiar; é necessário sentar-se (Negreiros, 1993: 101).

As palavras citadas são já por si muito sugestivas no que concerne à configuração de uma noção que pretende demonstrar a pertinência de uma dinâmica de «**trabalho**» inerente ao acto artístico. «[...] é necessário muito tempo antes mesmo de poder principiar»: o mesmo é dizer que, no quadro da concretização do acto artístico, o sujeito que lhe dá origem não pode ignorar uma prática contínua de preparação e aprendizagem até, em princípio, conseguir «formar-se».

## Longa aprendizagem ... rápida execução

É tendo em conta o que ficou dito que nos parece legítimo realçar a ideia segundo a qual o professor deverá fazer com que os alunos tenham consciência da necessidade de, num tempo vivido inegavelmente sob os signos da velocidade e do tempo, trabalhar muito antes de qualquer actividade que implique uma rapidez de execução. Melhor do que estas, as reflexões de Italo Calvino são a este propósito muito mais convincentes, ao reenviar-nos para uma das suas *propostas* para o próximo milénio: a «**rapidez**».

Para Calvino, a «rapidez», juntamente com a «leveza», a «exactidão», a «visibilidade» e a «multiplicidade», constituem precisamente cinco das suas *Seis propostas para o próximo milénio* (Calvino, s/d)<sup>12</sup>. Ora, essas *propostas* desenvolver-se-iam com base nas ideias de *fim* (de milénio) e, sobretudo, de *início* (de milénio, também), e acabam por concentrar, afinal, o seu pensamento. E uma das facetas desse pensamento aponta precisamente para a **confiança que deposita na literatura**.

Ora, essa confiança traduz-se no que a literatura nos pode ensinar sobre a possibilidade de «salvação» do Homem da vivência de *fim* milenar (*id.*: 74); de «elevação» «sobre o peso do mundo» (*id.*: 26); de luta contra a vivência do tempo, através da «concisão» ao nível da expressão e da «exactidão» literária (*id.*: 64-65, 73). Entretanto, a «rapidez» (que, como dissemos, surge no âmbito destas propostas [*id.*: 47 ss]) deverá ser encarada como um valor cujos matizes de conceituação apontam não para um sentido directamente relacionado com o fluir do tempo, mas sobretudo para um sentido que concede o protagonismo à *eficácia* de escrita e de leitura (textos curtos, sintéticos.). Em nosso entender, não se torna pertinente (nem adequado) fazermos neste estudo qualquer crítica aos programas escolares dos Ensinos Básico e Secundário, nem das obras de leitura obrigatória, nem tão pouco da quantidade de obras impostas ao aluno por ano lectivo. Não podemos porém esquecer uma máxima latina lembrada (e seguida) por Calvino: «**festina lente**» (apressa-te lentamente). E a evocação desta máxima é tanto mais importante neste trabalho, quanto é certo reenviar-nos para o período de **longa e reflectida aprendizagem** necessário à **concretização boa e eficaz do acto estético** (e não apenas dele, mas, afinal, de qualquer acto na vida). De certa forma, estas indicações são confirmadas pelo heterónimo pessoano, Ricardo Reis, e pelo próprio Fernando Pessoa, a propósito do processo de produção escrita e do acto de leitura: Reis, quando doutrina a necessidade de aperfeiçoamento das estruturas mentais com ponto de partida para uma expressão rápida e eficaz: «Ponho na altiva mente o fixo esforço / Da altura, e à sorte deixo, / E as suas leis, o verso; / Que, quando é alto e régio o pensamento, / Súdita a frase o busca / E o 'scravo ritmo o serve» (Pessoa, 1986 [vol I]: 860)<sup>13</sup>; Pessoa, quando assegura que a **concisão**, a **brevidade** e a **economia expressiva** devem ser consideradas como directrizes fundamentais a seguir primacialmente pelo sujeito de produção estético-literária – prática que permitiria encarar a *sugestão* com o relevo necessário, abrindo-se assim caminho para mais facilmente captar o interesse do leitor (Pessoa, 1986 [vol III]: 56, 57).

## Conclusão

Fim de século: facto cronológico, é certo; facto psicológico, também... No entanto, o que qualquer final de século permite é a vantagem da «retrospectiva». E com o final do segundo milénio, essa possibilidade [continua a] esconde[r] uma melodia *perversamente* ambígua, pela coloração polifónica com que, simultaneamente, nos critica ... e nos promete!

Em última instância, e independentemente do problema das relações entre o final de século/final de milénio e a literatura, no que diz respeito à questão da *representação*, o que aquela «retrospectiva» nos ensina é que o professor de literatura poderá, acima de tudo, seguir a noção segundo a qual a **literatura** (ou pela sua escrita, ou pela sua leitura) deve, em qualquer época, contribuir para a formação e consolidação da **consciência** de cada leitor; deve contribuir para o desenvolvimento em cada leitor do sentimento de **tolerância** pelo outro, ou ainda para uma contínua autocorreção e **auto-aperfeiçoamento** do [aluno-]leitor. Não que por meio dessa busca se procure a perfeição absoluta, mas a **perfeição relativa**; não a verdade monológica, mas a **verdade plural**. E, de resto, bastaria pensar que é, afinal, o bom senso que assim o aconselha, para definitivamente aceitarmos o alcance doutrinário das palavras de Fernando Pessoa, quando ensina:

[...] embora a perfeição suprema (que é inatingível) seja uma só, no entanto a perfeição relativa tem como característica a pluralidade (Pessoa, 1966: 211).

## Notas

\* Dionísio Vila Maior é doutorado em literatura Portuguesa (Modernismo Potuguês), prestando actualmente apoio na disciplina de Teoria e Metodologia Literárias, na Universidade Aberta. É autor de *Fernando Pessoa: heteronímia e dialogismo*, de *Introdução ao Modernismo*, de *Pessoa, Sá-Carneiro e Almada: representação estético-literária*, de *Literatura em Discurso(s)*, *Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade* e de *A Geração de 70 e A Geração de Orpheu. Portugal em questão* (em colaboração com Ana Nascimento Piedade) bem como de outros estudos.

<sup>1</sup> Para uma análise aprofundada de todas estas questões, veja-se Pereira, 1995.

<sup>2</sup> Sobre o termo e conceito de *fim de século*, leia-se Mortier, 1989.

<sup>3</sup> Esse estado de espírito enraizar-se-á progressivamente na memória cultural do Ocidente e conduzirá, progressivamente também, a esquemas de raciocínio apriorístico ilustradores daquele estado de espírito. Repare-se como M. Bressollette, a este nível, refere-se ao sentimento de decadência como «une expérience de l'intolérable avec lequel aucune complicité n'est plus possible. Sans doute cet intolérable n'apparaît pas tout à coup, de façon imprévue: il est ressenti comme le résultat d'une insidieuse et lente évolution»; e, pouco depois, acrescenta: «La décadence n'est que le résultat d'un long processus souterrain, dont il faut discerner l'origine» (Bressollette, 1989: 587-588).

<sup>4</sup> Sublinhe-se, a este propósito, a posição esclarecedora de Hillel Schwartz (Schwartz, 1992: 19 ss), ao confirmar a não existência da histeria colectiva nas **vésperas do ano 1000**, na Europa Cristã. Pelo contrário, reconhece que não devemos aceitar como certos os terrores do ano 1000, embora admita que alguns cristãos de então tivessem vivido com alguma ansiedade de aproximação desse ano. Nota, assim, que não terá havido o que tantas vezes fora divulgado como tendo acontecido no final do ano 999; nem o pânico colectivo, nem as visões apocalípticas terão existido. De entre as razões apresentadas, Schwartz, recorrendo a testemunhos de vários historiadores, mostra como houve uma quase inexistência de trabalhos e referências sobre o ano 1000 e como pouca gente era culta para lidar com a datação.

<sup>5</sup> Recorde-se que uma das razões normalmente apresentadas para o facto de o «milénio», enquanto facto apocalíptico, se ter cimentado em facto de calendário prende-se com o fracasso constante das previsões proféticas – quando enunciadas e lidas literalmente.

<sup>6</sup> Sobre esta matéria, tenha-se em conta o que escrevem Hillel Schwartz (Schwartz, 1992: 247 ss) e Umberto Eco (Eco; Martini, 1999: 16-17).

<sup>7</sup> Bastaria comprovar esse fascínio se se tivesse em conta a exploração comercial a que o número **2000** e a expressão «milénio» têm sido sujeitos, exploração essa que se estende aos mais diversos domínios: ao tecnológico (programas e jogos de computadores), ao literário, ao da alimentação, ao da publicação científico-académica (revistas), ao musical (grupos musicais), etc.

<sup>8</sup> Estamos obviamente aqui a considerar o termo *leitura* no âmbito literário.

<sup>9</sup> Não se confunda esta questão com a *leveza* calviniana. Para Calvino, quando algo se nos apresenta “pesado”, temos que o tornar “leve”...e a nós também. Não se trata, porém, de uma fuga para o sonho (nem para o facilitismo), quando nos deparamos com dificuldades, mas de nos ser necessário ultrapassá-las, encontrando outras perspectivas, outras formas de encarar esse problema ou essa dificuldade (Calvino, *s/d*: 21, 26) – depois de nos elevarmos acima do *peso do mundo* e da pressão das motivações exteriores (sejam elas profissionais, sociais, familiares, etc.).

<sup>10</sup> Uma totalidade semelhante, afinal, à que Mário de Sá-Carneiro reconhecera ser possível atingir, sob a forma de um íntimo triunfalismo, e em contraposição à amarga e cruel realidade. Em *Céu em Fogo*, o narrador de *A Grande Sombra* recorda-se de um casal de milionários que subira para uma carruagem. E escreve, decisivo: “...E como eu fui mais vitorioso então, sozinho – ao certo – do que eles dois na carruagem, agora talvez misturando as bocas...Porque eu, podia-os imaginar...e eles, ai, sabiam fatalmente quem eram...” (Sá-Carneiro, 1993: 53).

<sup>11</sup> É a paciência, «virtude útil», que um *outro eu* de Fernando Pessoa (David Merrick, ou C. R. Anon) considera estar também na base de um eficaz processo de ensino/ aprendizagem. Atente-se, a este propósito, num texto de 1903-1904: «Durante todos os altos e baixos da minha carreira aventureira ocupei apenas uma vez a posição pouco invejável de mestre-escola, numa grande escola de campo, onde a superabundância de rapazes se mostrava em vigoroso contraste com a fraqueza do meu salário. Eu não tinha, confesso, particular vocação para o trabalho e a rotina inerentes à vida de um pedagogo, mas, quando as circunstâncias apertam, o ser humano decide conscientemente não reparar nas muitas desvantagens que de outro modo o incomodariam. A razão da minha incapacidade não provinha de uma falta de preparação escolástica, mas antes do facto de não possuir essa virtude útil, a paciência» (*apud* Lopes, 1990: 175).

<sup>12</sup> Se evocamos aqui esta obra é sobretudo pelo estímulo que a exposição dessas propostas imprime a alguns ângulos pelos quais procuramos estudar as relações entre o discurso finissecular e o discurso literário. Essas propostas correspondem a cinco conferências que Calvino iria proferir na Universidade de Harvard, Massachusetts, num ciclo conhecido como as Charles Eliot Norton Poetry Lectures, durante o ano lectivo de 1985-1986 – conferências aquelas que, contudo, não viriam a ter lugar, pois falece em Setembro de 1985.

<sup>13</sup> Num outro texto, sem data, Ricardo Reis escreve também, em jeito que nos permite compreender melhor os versos acima citados: «Na palavra, a inteligência dá a frase, a emoção o ritmo. Quando o pensamento do poeta é alto, isto é, formado de uma ideia que produz uma emoção, esse pensamento, já de si harmónico pela junção equilibrada de ideia e emoção, e pela nobreza de ambas, transmite esse equilíbrio de emoção e de sentimento à frase e ao ritmo, e assim, como disse, a frase, súbdita do pensamento que a define, busca-o, e o ritmo escravo da emoção que esse pensamento agregou a si, o serve» (Pessoa, 1986 [vol I]: 870).

## Referências bibliográficas

- BAUER, F. (1989) - «Des sonnets pour cette fin de siècle? Alain Bosquet et la poésie médiatique», in *Fins de siècle. Terme-évolution-révolution*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.631-641.
- BESSIÈRE, J. (1989) - «Fin de siècle post-moderne. De la fiction de l'épuisement du temps (de Verne à Calvino, en passant par Lukacs, W. Benjamin et Adorno)», in *Fins de siècle. Terme-évolution-révolution*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.657-666.
- Biblia Sagrada* (1999) - Cocujões, Editorial Missões.
- BORGES, Jorge Luís (1999) - *Obras Completas (1975-1988)*, Lisboa, Círculo de Leitores, Vol. IV.
- BRESSOLETTE, M. (1989) - «Monde des années 30: cadavre d'une chrétienté médiévale», in *Fins de siècle. Terme-évolution-révolution*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.585-596.
- CALVINO, Italo (s/d) - *Seis propostas para o próximo milénio*, Lisboa, Editorial Teorema.
- CURTIUS, Ernst Robert (1989) - *Literatura europea y Edad Media latina*, Mexico/Madrid/Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2 Vols., pp.423-489.
- DUBY, Georges (s/d) - *O ano mil*, Lisboa, Edições 70.
- ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria (1999) - *En qué creen los que nos creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*, 4ª ed., Madrid, Ediciones Temas de Hoy.
- Fins de Siècle. Terme-Evolution-Révolution* [Actes du Congrès National de la Société Française de Littérature Générale et Comparée. Toulouse / 22-24 septembre 1987] (1989), Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.
- GOULD, Stephen Jay (1998) - *O fascínio do millennium*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- GUYAUX, A. (1989) - «Narcisse au crépuscule», in *Fins de siècle. Terme-évolution-révolution*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.345-354.
- HINTERHÄUSER, Hans (1980) - *Fin de siglo. Figuras y mitos*, Madrid, Taurus.
- LOPES, Teresa Rita (1990) - *Pessoa por conhecer - Textos para um novo mapa*, Lisboa, Editorial Estampa, Vol. II.
- LOURENÇO, Eduardo (1994) - «Dois fins de século», *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, pp.317-328.
- MORIN, Edgar; BOCCHI, Gianluca; CERUTI, Mauro (s/d) - *Os problemas do fim de século*, Lisboa, Editorial Notícias.
- MORTIER, D. (1989) - «Quelques questions posées au concept "fin de siècle"», in *Fins de siècle. Terme-évolution-révolution*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp.335-343.

- NEGREIROS, José de Almada (1993) – *Obras Completas – Textos de Intervenção*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. VI.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (1995) – «Introdução» a *História Crítica da Literatura Portuguesa [Do Fim-de-Século ao Modernismo]*, Lisboa, Verbo, pp.13-32.
- PESSOA, Fernando (1966) – *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* [textos estabelecidos e prefaciados por G. Rudolf Lind e J. do Prado Coelho], Lisboa, Edições Ática.
- PESSOA, Fernando (1986) – *Obras de Fernando Pessoa* [organização de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vols. I, II e III.
- REIS, Carlos (1995) – «Literatura e ensino da literatura no fim-do-século», in *Românica*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa / Departamento de Literaturas Românicas, pp. 175-180.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1993) – *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Céu em Fogo*, 4ª ed., Lisboa, Edições Ática.
- SCHWARTZ, Hillel (1992) – *Os finais de século. Lenda, mito, História, de 990 ao ano 2000*, Lisboa, Difusão Cultural.